



Antecedentes Históricos Síntese do **Tiro de Guerra TG 02-076 de Itapetininga/SP** Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 de Itapetininga/SP (1917)



Jefferson Biajone ¹

I. Introdução

Este estudo objetiva relatar, de forma sucinta, os antecedentes históricos do **Tiro de Guerra de Itapetininga/SP**, órgão de formação de Reservistas de 2ª Categoria para o **Exército Brasileiro**, desde a sua célula *mater*, o **Clube Concordia**, fundado em 1905, à atualidade de sua condição de **Tiro de Guerra TG 02-076**, a *Sentinela dos Campos de Itapetininga/SP*, em 2025, na esteira das efemérides de seus **108 anos** de fundação (<https://tinyurl.com/yrp3kpwe>), dos **10 anos** de fundação da Associação dos Ex-Atiradores e Amigos do Tiro de Guerra de Itapetininga/SP (<https://tinyurl.com/bddfkdu8>) e dos **80 anos** das Vitórias da **Força Expedicionária Brasileira** na Campanha da Itália (1944-1945) durante a Segunda Guerra Mundial (<https://youtu.be/eJezREZxeKk>).

II. Antecedentes Históricos

Segundo artigo publicado na página 2 da edição de 11 de outubro de 1905 do Jornal *O Estado de São Paulo* (**Anexo 1**), o **Tiro de Guerra de Itapetininga/SP** teve como *célula mater* o **Club Concordia**, sociedade civil de prática desportiva de tiro ao alvo, fundado em **9 de outubro de 1905** por iniciativa dos senhores Dr. Gabriel Gomide e Prof. Pedro Voss, que reunidos com outros 47 itapetinganos, aprovaram naquela data os estatutos e eleita a primeira diretoria: Dr. Gabriel Gomide, presidente; Prof. Pedro Voss, vice-presidente; José Leonel Monteiro, 1º secretário; José Carlos Meira, 2º secretário; Manuel Cardoso, tesoureiro; Prof. Theophilo Martins de Mello, diretor técnico e Firmino José de Araújo, Leonel Gloria e O. Boae, membros da Comissão de Sindicância.

Com a criação da **Confederação do Tiro Brasileiro** pelo Decreto Federal nº 1.503 de 5 Set 1906 (**Anexo 2**) e a sua regulamentação pelo Decreto Federal nº 6.464 de 29 Abr 1907 (**Anexo 3**), o **Club Concordia** tornou-se a **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 33 de Itapetininga/SP** da **Confederação do Tiro Brasileiro** em **20 de dezembro de 1909**.

Em **setembro de 1910**, contudo, o **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 33** reverteu à sua condição de **Club Concordia**, mantendo, contudo, as atividades desportivas de sua linha de tiro. Porém, com o recrudescimento da 1ª Guerra Mundial na Europa em 1916 e a decorrente ampliação das sociedades de tiro no país (GONZALES, 2008), o **Club Concordia** foi reintegrado à **Confederação do Tiro Brasileiro** em **setembro de 1916** na condição de **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 de Itapetininga/SP** (O TIRO, 1916).

Logo no primeiro ano de existência do **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234**, o professor Pedro Voss relata ter sido expressivo o entusiasmo demonstrado pelos seus associados, em especial pelos integrantes da companhia de guerra da entidade, que no seu efetivo de oitenta e cinco atiradores, acompanhada também estava por uma banda marcial integrada por tambores e cornetas organizados (BIAJONE, 2022a).

¹ Professor. Confrade Benemérito do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga/SP.

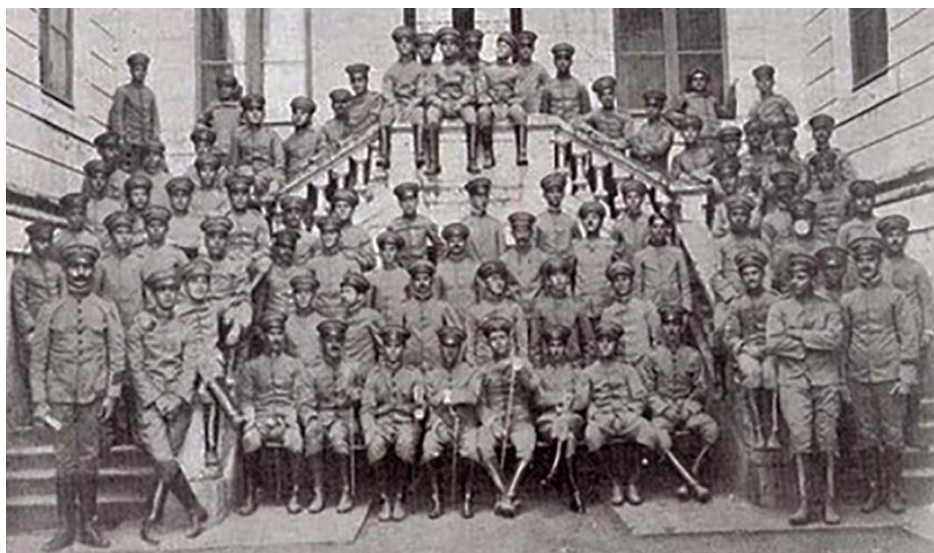


Foto 1. Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 na então Escola Normal Peixoto Gomide (1917)
Cortesia. Acervo Luiza de Jesus Válio (2023).

Naquele ano de 1916, os exercícios militares diários estavam sob a direção do **Capitão João Wey** e sob a instrução dos **Reservista Pedro Voss Filho**, reservista do **Exército Brasileiro** e do **Atirador Péricles de Souza** da **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 3** de São Paulo.



Foto 2. Banda Marcial da Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 na Escola Normal Peixoto Gomide (1917)
Cortesia. Acervo Luiza de Jesus Válio (2023).

Segundo artigo publicado na página 7 da edição de 11 de outubro de 1917 do Jornal *O Estado de São Paulo* (**Anexo 4**), a **7 de outubro de 1917**, domingo, o município de Itapetininga recebia em festa a visita do senhor **General de Brigada Luiz Barbedo**, então Comandante da 6ª Região Militar (atual **2ª RM**)

Durante a visita, o General Barbedo realiza a entrega do primeiro exemplar da **Bandeira Nacional** à **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 de Itapetininga**, ato que além de oficializar a reintegração do **Club Concordia** à **Confederação do Tiro Brasileiro**, simbolicamente consolidaria também a data de fundação do **Tiro de Guerra de Itapetininga** como sendo **7 de outubro de 1917** (BIAJONE, 2022a e 2018).

Entretanto, pouco mais de um mês depois, Decreto Federal n.º 12.708 de **9 de Novembro de 1917** tornava extinta a **Confederação do Tiro Brasileiro**, criando em seu lugar a **Diretoria Geral do Tiro de Guerra** (**Anexo 5**), do que resultou na incorporação de todas as sociedades de tiro até então existentes no país ao **Exército Brasileiro**, as quais passaram a ser denominadas **Tiros de Guerra**, cabendo à **Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 de Itapetininga/SP** a denominação de **Tiro de Guerra 234**.



Foto 3. Linha de Tiro dos Atiradores do Tiro de Guerra 234 no bairro da Chapadinha (1918).
Cortesia. Acervo Luiza de Jesus Válio (2023).

No período das revoluções de 1924, 1930 e 1932, houve um interregno de dados históricos que não nos possibilitou determinar com exatidão a participação específica do **Tiro de Guerra 234** no âmbito bélico daqueles conflitos, mas isso não afasta em hipótese alguma o premente voluntariado dos jovens integrantes e ex-integrantes daquela entidade nas citadas revoluções, particularmente na **Revolução de 1924**, quando com o apoio do Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, então vice presidente (atual vice governador) do Estado de São Paulo, o **Exército Brasileiro** teve enquadrado em Itapetininga milhares de voluntários civis em unidades patrióticas, as quais integraram a lendária **Coluna Sul** (<https://tinyurl.com/7ju28prj>), que durante o meses de julho a setembro de 1924, teve ação combativa decisiva na libertação de diversas cidades do interior e da capital do jugo dos revoltosos (CAMARGO, 2024; NOGUEIRA, 2024).



Foto 4. Coronel Fernando Prestes (ao centro) e voluntários integrantes da Coluna Sul (1924)
Cortesia. Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga (2023)

Ademais, foi igualmente no município de Itapetininga que durante a **Revolução Constitucionalista de 1932** milhares de voluntários civis e militares do **Exército Brasileiro** e da **Força Pública de São Paulo** (atual **Polícia Militar do Estado de São Paulo**) afluíram para formar batalhão com destino às várias linhas de defesa do setor sul do Estado (<https://globoplay.globo.com/v/7751340/>), particularmente em Itararé, Capão Bonito, Cerrado, Rio das Almas, Buri e Taquaral Abaixo, localidades nas quais os combates mais sangrentos do setor ocorreram entre os meses de julho a outubro de 1932.

Estima-se ainda que centenas de voluntários civis e militares não combatentes, estes dedicados às áreas de intendência, serviço de saúde, aviação, fabrico de munição, alimentação, abastecimento e transporte tiveram em Itapetininga o centro nevrálgico da atuação que desempanharam naquele que foi o maior movimento cívico da história do Estado de São Paulo.

De fato, dada a magnitude do momento vivido e da complexidade dos esforços de guerra envolvidos em Itapetininga, então município sede das forças constitucionalistas do

setor Sul, não é de se duvidar que atiradores e atiradores veteranos do **Tiro de Guerra 234** de então estiveram presentes e souberam contribuir com o melhor de suas energias na luta pela Constituição, fosse ela na vanguarda das trincheiras nos campos de batalha ou em apoio aos combates nas linhas da retaguarda (BIAJONE et al., 2022).



Foto 5. Voluntários civis (à esquerda) e enfermeiras voluntárias (à direita) em Itapetininga (1932)
Cortesia. Portal Paulistas de Itapetininga (2023)

Não obstante, com a derrota militar de São Paulo na Revolução de 1932 e relevância estratégica que Itapetininga adquirira naquele conflito, o Governo Federal transferiu para este município o **5º Batalhão de Caçadores** em junho de 1935, tendo esta Organização Militar Corpo de Tropa do **Exército Brasileiro** da Arma de Infantaria ocupado prédio que pertenceu ao 8º Batalhão de Caçadores da **Força Pública Paulista** (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo), atualmente sede da 2ª Diretoria do **Departamento de Estradas de Rodagem** (<https://tinyurl.com/27ackxdy>), no n.º 196 da Rua General Carneiro, Centro.

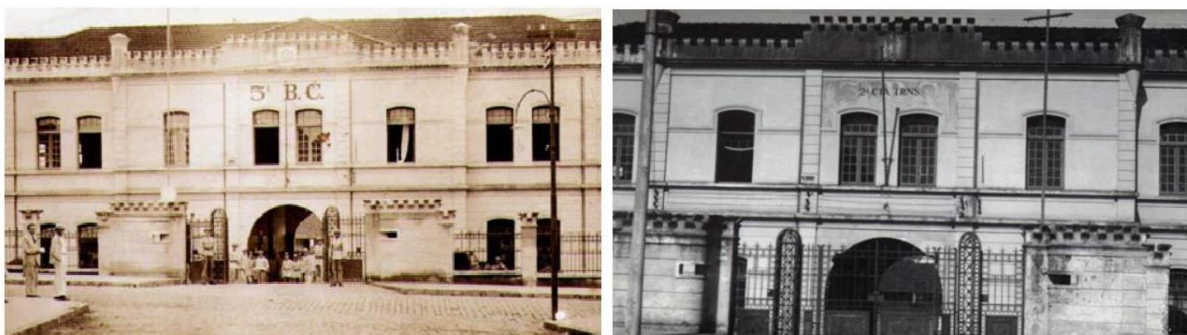


Foto 6. Na foto à esquerda, o 5º Batalhão de Caçadores (de 1935 a 1947)
e na foto da direita, a 2ª Companhia de Transmissões (de 1947 a 1950).
Cortesia. Portal Paulistas de Itapetininga (2023)

Por força da Portaria do Ministério n.º 8.747, de **31 de outubro de 1945**, foram declarados extintos, ao final do ano de instrução de 1945, todos os Tiros de Guerra e Escolas de Instrução Militar existentes no território nacional, encerrando assim as atividades do **Tiro de Guerra 234**.

No entanto, a prestação do Serviço Militar Inicial Obrigatório continuava a ser oferecida em Itapetininga pelo **5º Batalhão de Caçadores**, neste no período de junho de 1935 a dezembro de 1947 e, no período de março de 1947 a dezembro de 1950, pela **2ª Companhia de Transmissões** (atual **2ª Cia Com Mec**, sediada em Campinas/SP).

Tal informação foi corroborada pelo Ex-Combatente **Victório Nalesso** (in memoriam) que ao lado de 33 outros itapetininganos (<https://tinyurl.com/4wkepu7y>), prestou o Serviço Militar Inicial Obrigatório em 1944 (Classe de 1922) no **5º Batalhão de Caçadores** e, voluntariamente, seguiu para a Itália embarcado com o 2º Escalão da **Força Expedicionária Brasileira** (<https://youtu.be/Pu6EFJY1h8c>) a 22 de setembro de 1944.



Foto 7. Na foto à esquerda, a 2ª Companhia do 5º Batalhão de Caçadores em uma das dependências do batalhão. Na foto à direita, o soldado n.º 983 Victório Nalesso, integrante da citada 2ª Companhia em 1944.

Fonte. Acervo Museu Pracinha Victório Nalesso (2018).

Entretantes, a 9 de setembro de 1945, exato 1 mês do término da Segunda Guerra Mundial no Pacífico (9 Ago 1945), nova e a que viria a ser a última Turma de Atiradores do **Tiro de Guerra 234** se formava, tendo como madrinha D. Luzita Vargas Lupion e homenageado o senhor Darci Vieira, este então presidente da Diretoria do **Tiro de Guerra 234**, secundado pelos senhores Décio Rolim, vice-presidente; Joaquim Aguiar, tesoureiro e professor Rui Guimarães, secretário.

Tais informações foram obtidas a partir de um exemplar do convite impresso (vide imagem 1 a seguir) da solenidade da formatura em questão de um dos atiradores então formandos da turma, o senhor Walter Cardoso de Mello (in memoriam).

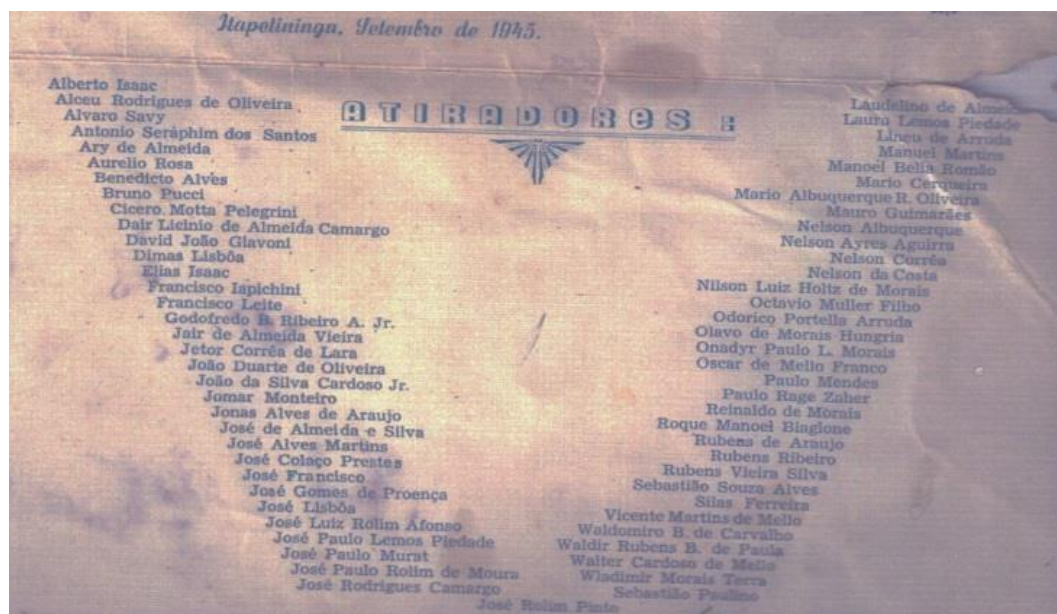


Foto 8. Detalhe do Convite de Formatura dos Atiradores do Tiro 234 da Turma de 1945

Cortesia. Acervo Centenário do Tiro de Guerra (2017)

Segundo declara o convite, a solenidade de formatura, que contou com a entrega simbólica dos certificados de reservistas de 2ª categoria do **Exército Brasileiro**, ocorreu às 10 horas no salão de festas (atual auditório) da então **Escola Normal Peixoto Gomide** (<https://tinyurl.com/2dvw3m74>), tendo dentre as autoridades presentes, os senhores Prefeito Municipal, Juiz de Direito local, Presidente do Clube Venâncio Ayres e o Comandante do **5º Batalhão de Caçadores**.

O orador da turma foi o reservista Paulo Mendes e dentre os seus colegas reservistas formandos encontravam-se destacados cidadãos itapetininganos nos anos porvir, os senhores (in memoriam) Alberto Isaac, Roque Manoel Biagione, Walter Cardosode Mello, Waldomiro Benedito de Carvalho (Xuca), dentre outros.

Em face da ausência de maiores registros, Biajone (2022b) estima que o **Tiro de Guerra 234** tenha no período de 1917 a 1945 formado cerca de três milhares de jovens itapetininganos reservistas de 2ª categoria (**Anexo 7**).

Sete anos se passaram após a extinção do Tiro de Guerra 234 até que Decreto do Ministério da Guerra n.º 75, de 13 de março de 1952, em concordância com o artigo 74 do Decreto-Lei n.º 9.500 de 23 de julho de 1946 (**Anexo 6**) criava para o município de Itapetininga/SP o **Tiro de Guerra 293**, que oficializado foi em formatura ocorrida a 1º de maio de 1952, nos seguintes termos:

*Ministério da Guerra
Zona Militar Centro
2º Região Militar
Inspetoria de Tiro*

*Dia 1º de maio de 1952, às 14 horas com a presença do Exmo. Senhor Dr. Antonio Madureira de Camargo, Juiz de Direito, Exmo. Senhor Dr. Ciro de Albuquerque, Prefeito Municipal, Senhor Tenente Severino de Andrade Guedes, delegado de recrutamento e demais autoridades civis e militares, eclesiásticas e grande massa popular, foi instalado oficialmente o **Tiro de Guerra 293** desta cidade de Itapetininga, criado pela portaria ministerial nº 75 do Diário Oficial da União de 13 de Março de 1952, a solenidade revestiu-se de grande brilhantismo. Fizeram uso da palavra os oradores que esclareceram a finalidade cívica e patriótica da nova escola de formação de reservistas e elevaram bem alto o nome do Exército Brasileiro.*

Sede do Tiro de Guerra em Itapetininga, 1º de Maio de 1952.

Tais informações acima, bem como o relato a seguir da entrega de exemplar da **Bandeira Nacional ao Tiro de Guerra 293** das mãos de sua Madrinha D. Ernesta Xavier Rabelo Orsi foram transcritos dos livros de registro dos Atiradores do **Tiro de Guerra 293** existentes nos arquivos do atual **Tiro de Guerra 02-076**:

A 17 de Julho de 1952, às 19h30 horas, no pátio da Escola Normal Peixoto Gomide, foifeita a entrega da Bandeira Nacional ao Tiro de Guerra, doada pela Exma. Senhora Ernesta Xavier Rabelo Orsi que proferiu brilhante discurso referente à solenidade. Após o recebimento da Bandeira Nacional pela guarda constituída de alunos, usou da palavra o Senhor Diretor agradecendo em nome do Tiro de Guerra e ressaltando a alta significação da solenidade, que revestiu-se de grande brilhantismo. O ato contou com a presença do senhor chefe da 14º Seção de Recrutamento Coronel José de Souza Carvalho, Exmo Senhor Dr. Juiz de Direito Raul da Rocha Medeiros Júnior, Exmo. Senhor Prefeito Municipal Dr. Ciro de Albuquerque e demais autoridades civis e militares.

Destes mesmos arquivos citados, consta ainda que na direção do **Tiro de Guerra 293** encontrava-se o Prefeito Municipal Dr. Ciro de Albuquerque, tendo como Chefe da Instrução o **1º Tenente R/1 Severino de Andrade Guedes** e como Instrutor o **1º Sargento Cristiano Marques Monteiro Filho**.

As atividades de Instrução Militar tiveram início em 1º de Maio de 1952 após a matrícula de 129 jovens itapetininganos nascidos em 1933.

Relatos orais de atiradores veteranos, por sua vez, informam que em 1953 a sede

do **Tiro de Guerra 293** que até então ocupava o atual prédio da Loja Maçônica União Paulista, foi transferida para a chácara do Sr. Orestes Albuquerque, mas em 1954 mudou-se em local onde a Igreja Nossa Senhora Aparecida se encontrava em construção.

O Engenheiro Clodoaldo Rodrigues Gomes, reservista da turma de 1955 e Atirador Emérito do Centenário do Tiro de Guerra de Itapetininga relatou em 2017 (BIAJONE, 2018) que o chefe da instrução na época era o **1º Sargento Cristiano Marques Monteiro Filho** e que sua turma foi dividida em grupos de pintores, carpinteiros, pedreiros, escriturários etc. com o propósito de construir a sede do **Tiro de Guerra 293** naquele endereço, local onde atualmente está a sacristia da Igreja Nossa Senhora Aparecida.



Foto 9. Atiradores da Turma de 1957 do Tiro de Guerra 293 em formatura. No primeiro plano do canto direito, da esquerda para a direita, vê-se o 1º Sargento Instrutor Hans Otto Carlos Augsburg e o 1º Sargento Chefe da Instrução Cristiano Marques Monteiro Filho.

Cortesia. Coleção Souza Filho (Tambelli Foto).

Como o expediente de instrução do **Tiro de Guerra 293** era então de oito horas diárias, uma parte das horas estava dedicada aos trabalhos de construção e a outra à Instrução Militar. Segundo Clodoaldo, os atiradores que não fossem pintores, pedreiros ou carpinteiros eram empregados como ajudantes e serventes, o que de fato foi o seu caso, tendo sido ajudante de pedreiro durante a construção da sede e, uma vez pronta, foi um dos organizadores de seu acervo documental.

Outra testemunha ocular da nova sede do **Tiro de Guerra 293**, já construída e em pleno funcionamento, foi o professor Dirceu Campos, que pertenceu à Turma de 1957.



Foto 10. Atiradores da Turma de 1958 do Tiro de Guerra 293 em formatura.

Cortesia. Coleção Souza Filho (Tambelli Foto).

Dirceu Campos relata que o busto do maior soldado da História Militar Terrestre do Brasil e **Patrono do Exército Brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias**, foi inaugurado na atual praça que leva o seu nome, defronte da Igreja Matriz da Nossa Senhora dos Prazeres. Foi nessa histórica inauguração, ocorrida no mês de novembro de 1957, que o então Atirador Dirceu e seus companheiros de turma prestaram o juramento à **Bandeira Nacional** concluindo nesta formatura o Serviço Militar Inicial que prestado naquele ano (SILVÉRIO e CAMPOS, 2011).



Foto 11. Atiradores do Tiro de Guerra 293 da Turma de 1958 defronte a Herma Duque de Caxias. A direita, detalhe da placa da Herma e QR Code que dá acesso à informações históricas do monumento.
Cortesia. Acervo Centenário do Tiro de Guerra

Assim como o engenheiro Clodoaldo Rodrigues Gomes e o professor Dirceu Campos, muitos outros jovens itapetininganos que serviram o **Exército Brasileiro** no **Tiro de Guerra 293**, tornaram-se décadas mais tarde expoentes na vida cultural, intelectual, política, econômica e social de Itapetininga e região, a citar os senhores Antonio Edison (Edinho) Camargo, Dr. José de Almeida Ribeiro (Zé Ribeiro), Antonio Fernandes da Silva Rosa, Zecaborba Soares Hungria, Marcos de Campos Fiúza, Dr. Roberto Soares Hungria, Emerval Victor Alciati, Nelson Terra Barth e Otávio de Oliveira “Macalé”.

O **Tiro de Guerra 293** teve outras sedes ao longo dos anos até que a 3 de junho de 1966, nova transferência ocorreu para a Vila Barth, em terreno que hoje ocupa em caráter definitivo, graças à filantropia da Família de João Barth (in memoriam) que doou o terreno à Prefeitura Municipal (vide decreto da doação em <https://tinyurl.com/5d5ksexb>) de forma a garantir a instalação permanente da entidade **Tiro de Guerra** em Itapetininga.

Naquele ano de 1966, o Prefeito Municipal e Diretor do **Tiro de Guerra 293** foi o senhor Joaquim Aleixo Machado e a chefia da instrução esteve a cargo do **2º Sargento Edmur Doro**. Apesar da mudança em definitivo para a Vila Barth, a construção da ampla sede que o Tiro de Guerra de Itapetininga hoje possui só pode ser inaugurada em 1º de fevereiro de 1969, sob a direção do Prefeito Engenheiro Walter Tufik Curi, tendo como Chefe da Instrução o **2º Sargento José Bernardo da Silva** e como Instrutor o **2º Sargento Antonio Renato Margarida**.



Foto 12. Sede do Tiro de Guerra 02-076 na Vila Barth em 7 de Outubro de 2025.
Cortesia. Acervo Centenário do Tiro de Guerra

Constam ainda nos registros que o **Tiro de Guerra 293** teve sua denominação alterada para **Tiro de Guerra 02-076** na passagem do ano de 1975 para 1976, quando de uma reorganização estrutural dos tiros de guerra pertencentes à **2ª Região Militar do Exército Brasileiro**. Dessa reorganização, surge o **Tiro de Guerra 02-076** que reconhecido é no município e região pelos relevantes serviços que tem prestado na formação de uma reserva cívica e cidadã de gerações de jovens itapetininganos no seu quase meio século de existência sob esta atual denominação (BIAJONE, 2018).

Cabe ressaltar, contudo, que uma outra denominação foi também conferida ao **Tiro de Guerra 02-076**, esta de natureza histórica, conhecida desde a efetivação de sua sede na Vila Barth em 1966, qual seja, **“A Sentinela dos Campos de Itapetininga”**.



Foto 13. Muro interno do Pátio de Formatura Sargento Fábio Vieira Ribeiro
Cortesia. Acervo Centenário do Tiro de Guerra

Tal denominação é reconhecidamente notória, emitida e cultivada no meio em que espontaneamente surgiu, ou seja, dos atiradores e atiradores veteranos, instrutores e chefes de instrução, imprensa local e população itapetiningana em geral. Dada a sua relevância e significado, ela se encontra inclusive registrada há décadas em um dos muros internos do Pátio de Formatura Sargento Fábio Vieira Ribeiro do **Tiro de Guerra 02-076** (vide foto 13 acima). Também é mencionada em placas de Turma de Atiradores formados pelo **Tiro de Guerra 02-076**, citada em livros e artigos.

III. Considerações Finais

Em face da trajetória histórica aqui exposta, o conjunto de datas, acontecimentos e ações de natureza histórica relatados neste trabalho reportam à entidade **Tiro de Guerra 02-076**, centenário e destacado Órgão de Formação de Reservistas do **Exército Brasileiro** que reconhecido é pela Sociedade Civil Itapetiningana não apenas pelas dezenas de milhares (**Anexo 7**) de Cidadãos Reservistas de 2ª Categoria nele formados, como também pela atuação e presença de seus Atiradores e Atiradores Veteranos em momentos decisivos da **História Militar Terrestre Brasileira**, a citar na sua condição de **Sociedade do Tiro Brasileiro nº 33** e nº **234** da **Confederação do Tiro Brasileiro** e **Tiro de Guerra 234** durante a **Primeira Guerra Mundial** (1914-1916); de **Tiro de Guerra 234** na **Revolução de 1924**, na **Revolução de 1930**, na **Revolução Constitucionalista de 1932** e na **Segunda Guerra Mundial** (1939-1945); de **Tiro de Guerra 293** de 1952 a 1975 e, desde 1976, **Tiro de Guerra 02-076**, a Centenária

Sentinela dos Campos de Itapetininga/SP



Foto 14. Descerramento do Monumento ao Centenário do Tiro de Guerra de Itapetininga/SP (2017)
Cortesia. Acervo Centenário do Tiro de Guerra



Referências bibliográficas

BIAJONE, J. *Bandeira Nacional do Tiro de Guerra de Itapetininga/SP*. Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil. Regional, 2022a. Disponível em: < <https://tinyurl.com/5b66n2tw> >.

_____, **J.** *Almanaque dos Atiradores do Tiro de Guerra de Itapetininga/SP*. Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil. Regional, 2022b. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y857jzwp> >.

_____, **J.** *Tiro de Guerra: A Sentinela dos Campos de Itapetininga/SP*. Edição Comemorativa dos 370 Anos do Exército Brasileiro. Regional, 2018. Disponível em: < <https://tinyurl.com/5ymkf2v4> >.

_____, **J. (Org.) ; PINTOR, J. A. (Org.) ; RODRIGUES, J. P. (Org.) ; MONTENEGRO NETO, B. (Org.) ; MIRANDA, H. R. A. E. (Org.) ; SOARES FILHO, O. B. (Org.)**. *Cruzes Paulistas: os que tombaram, em 1932, pela Glória de servir São Paulo*. Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil e Rememorativa dos 90 Anos da Epopeia de 1932. Regional, 2022. Disponível em: < <https://tinyurl.com/nuryfzex> >.

CAMARGO, J. A. *Patriotas Paulistas na Coluna Sul*. Edição Digital Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924. Regional, 2024. Vide: < <https://tinyurl.com/2dsfrvtd> >.

GONZALES, S. L. de M. *A Territorialidade Militar Terrestre no Brasil: os Tiros de Guerra e a Estratégia de Presença*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Acesso em: < <https://tinyurl.com/ysyecpaw> >. Vide páginas **254**, **257**, **279** e **283** sobre Itapetininga/SP.

NOGUEIRA, E. P. *Heroísmo Desconhecido*. Edição Digital Rememorativa do Centenário da Revolução de 1924. Regional, 2014. Disponível em: < <https://tinyurl.com/2c26hb5s> >.

O TIRO. *Revista da Confederação do Tiro Brasileiro*. Setembro 1910. N.º 24. P. 964.

_____. *Revista da Confederação do Tiro Brasileiro*. Out/Nov 1916. N.º 92. P. 377.

PORTAL DOS EX-COMBATENTES DE ITAPETININGA/SP. *Portal de preservação, valorização e difusão da Memória e dos Feitos de Ex-Combatentes Itapetininganos na Segunda Guerra Mundial*. Acesso em: < <https://tinyurl.com/5fhysce5> >.

PORTAL PAULISTAS DE ITAPETININGA. *Portal de preservação, valorização e difusão do Histórico da Revolução Constitucionalista de 1932 no Setor Sul do Estado de São Paulo*. Acesso em: < <https://tinyurl.com/5n9426sp> >.

PORTARIA Nº 550 do Comandante do Exército, de 8 junho de 2020. *Aprova as Instruções Gerais para a Concessão de Denominações Históricas, Estandartes Históricos e Distintivos de Organização Militar-Históricos* 2ª edição, 2020 (EB10-IG-05.001).

SILVÉRIO M.; CAMPOS, D. *Histórias que a História não contou*. Regional, 2011.

VALIO, L. *Itapetininga e o Tiro 234*. In: Portal Terra dos Passarinhos. Disponível em < <https://tinyurl.com/yfmjetse> >.



Anexo 1

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO

Transcrição da página 2 da Edição de 11 de Outubro de 1905

Itapetininga, 11 de Outubro de 1917

Domingo passado ficou definitivamente instalada a sociedade de tiro ao alvo, que ficou com o nome de Club Concordia, nome este que por si só significa a intenção alevantada e pura da comissão que confeccionou os estatutos; isto é, que será o Club Concordia um elemento de franco conagraçamento da família itapetiningana, e conseqüentemente, uma força coesa e capaz de operar as mais notáveis e saltares, reações.

A primeira directoria do brilhante Club Concordia ficou composta dos distintos cavalheiros, srs. dr. Gabriel Gomide, presidente; professor Pedro Voss, vice-presidente; José Leonel Monteiro, primeiro secretario José Carlos Meira, segundo secretario; Manuel Cardoso, tesoureiro; diretor técnico, professor Theophilo Martins de Mello; comissão de sindicância, srs. Firmino José de Araújo, Leonel Gloria e O. Boae.

A fundação do Club Concordia causou a melhor impressão possível no espirito da sociedade itapetiningana.

Na noite de domingo, os sócios da novel e simpática associação, que é composta do escol da sociedade desta terra, acompanhados de grande massa popular e uma banda de música, se dirigiram á casa de sr. Dr. Gabriel Gomide, em nome dos sócios do Club Concordia e do povo, o saudou como seu presidente e também como cidadão prestimoso, ilustre e digno depositário da mais absoluta confiança do povo desta terra, o sr. Landulpho Monteiro.

Anexo 2

Decreto Federal nº 1.503 de 5 Set 1906 – Criação da Confederação do Tiro Brasileiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1503-5-setembro-1906-582999-norma-pl.html>

Anexo 3

Decreto Federal nº 6.464 de 29 Abr 1907 – Regulamentação da Confederação do Tiro Brasileiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6464-29-abril-1907-522569-publicacaooriginal-1-pe.html>

Anexo 4

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO

Transcrição da página 9 da Edição de 11 de Outubro de 1917

EM ITAPETININGA ENTREGA DA BANDEIRA A LINHA DE TIRO 234 A PRESENÇA DO SENHOR GENERAL BARBEDO DISCURSOS – OUTRAS NOTAS

Itapetininga, 8 de Outubro de 1917

Realizou-se ontem nesta cidade, a festa da entrega da Bandeira Nacional a companhia de Atiradores do Tiro 234, cerimônia esta presidida pelo General de Brigada Luiz Barbedo, comandante da Sexta Região Militar.

Pelo noturno das 4 horas, uma comissão composta dos senhores Dr. João Vieira de Carmargo e Professor Edmundo Prestes, membros do Conselho Diretor do Tiro 234, e do Dr. Alfredo Nunes, Vereador da Câmara Municipal, foi a Boituva receber Senhor General Barbedo, oferecendo-lhe um almoço.

Às 18 horas, o comboio chegava a estação de trem da Sorocabana, nesta cidade ao som de duas bandas de música e ao espoucar de foguetes, de girandolas e de baterias. Enorme massa popular acotovelava-se no recinto da estação que se achava artisticamente ornamentada.

Ao desembarcar foi o General Barbedo saudado pela senhorita Elvira de Souza Mello que em nome do Tiro 234, lhe ofereceu uma rica “corbeille” de flores. No largo da estação achavam-se formados, os Atiradores do Tiro 234, com sua Banda de música, de tambores e cornetas; os escoteiros desta cidade, a Guarda Nacional e a Força Policial aqui destacada.

Em automóveis enfeitados com bandeiras nacionais, os senhores General Barbedo, Tenente E. Espindola do Nascimento, os membros do conselho diretor do Tiro 234, várias senhoras da comissão de festejos e o Dr. Júlio Prestes, seguiram para o palacete Vieira de Moraes. Foi oferecido um “lunch” ao General Barbedo.

Às 15 horas, chegava o General Barbedo no polígono do antigo Club Concordia, que se achava ricamente enfeitado e repleto de povo, para a cerimônia da entrega da Bandeira.

O Cônego Bizenando Dias, vigário da paróquia, procedeu com a benção da Bandeira Nacional, servindo de paraninfos o General Luiz Barbedo e a Exma. Professora D. Emilla Voss.

Em uma tribuna adrede preparada, diante da companhia de Atiradores do Tiro 234, perfeitamente alinhada, a Professoranda Lueilla Corrêa, pronunciou o seguinte discurso:

Excelentíssimo Senhor General de Brigada Luiz Barbedo, meus senhores e minhas senhoras. Transbordando do cívico entusiasmo, venho em nome de uma comissão de distintas senhoras de Itapetininga, pedir-vos a fineza do entregar, esta bandeira aos garbosos atiradores do Tiro 234, no dia de sua primeira comunhão no altar da Pátria.

Sente-se a comissão justamente orgulhosa por ver aqui escido o seu convite, emprestando o brilho de vossa presença a uma festa em que o nacionalismo reverdece, em que a coesão congrega os átomos da Pátria em que os peitos se couraçam de força e de orgulho para proteger os deuses terminus da Pátria Brasileira.

Bem merece o Tiro 234, confiado a abnegação de um patriota como Pedro Voss, esse palpitante quadrângulo de seda auriverde o formoso filho da região do sol e do esplendor todo verde selvas e todo louro de luz que transvoando na fumaça dos combates foi sempre a honra intangível das nossas fardas, a adoração fetichica dos nossos soldados, o imarcescível energizador de nosso heroísmo, o fulgor no penol dos belonaves.

No sangrentíssimo convés da Parnahyba, em holocausto a honra da bandeira, sacrificou-se a primavera de Greenhalgh; enrubesceu-a de orgulho o sangue de Antonio João na épica resistência de Dourados; purificou como um ozônio a atmosfera do Paraguay, empestada pelo despotismo de Lopes.

Que esta bandeira, ao passar por vossas mãos, receba vosso influxo benéfico para que nele se inspirem os atiradores do Tiro 234 e só lembrem que somente quando, ao trapejar de todas as bandeiras se reunirem sob a farda os corações de todos os brasileiros viria, teremos uma Pátria leoninamente forte, condoreiramente livre, uma grande nação digna de uma grande terra, o nosso aniado, o nosso fulgurante, o nosso inesquecível Brasil.

O General Barbedo, recebendo a Bandeira Nacional, entregou-a ao 2º Tenente Octavio Brisolla pronunciando o seguinte discurso:

Há muito quem diga mal de nossa terra; não falta quem lhe aponte defeitos, fraquezas e tergiversações; principalmente no momento atual, em face grande guerra, da maior guerra de quantas regista a história, pelo número de combatentes que nela se empenham, pela imensidade das regiões em que domina o armistrondo dos combates e das batalhas, tendo só seu despor todos os engenhos maravilhosos da indústria moderna.

E és consequências que dessa gigantesca luta já se podem prever, pois incontestavelmente desse caos há de surgir um novo mundo, em que os laços que prendem as nações entre si não possam estar à mercê do militarismo inconsciente de mãos dadas ao cruel imperialismo, contra o qual se levantam protestos mundizes, tornarão providencial, como

providencial foi a revolução francesa, embora até hoje choremos entre outros a morte de Lavoisier, o grande naturalista, cuja cabeça rolara no cadafalso, legando ao mundo opulentíssima herança científica.

Senhores. Eu não me arremeto entre os adoradores dos grandes homens de nossa terra, que a maldizem, que nos atribuem uma democracia impudentemente falsificada, uma República de oligarquias, mandões e caudilhos, um regime de única inconstitucionalidade, sem eleições populares, sem governos populares, sem governos responsáveis, sem orçamentos reais, sem órgão nenhum por onde respire a vida nacional, por onde se expanda a consciência nacional, por onde a moralidade nacional se desagrave, por onde a vontade nacional se declare e execute.

Alisto-me voluntariamente entre os que procuram remediar o mal de que todos sentimos os efeitos, não com a intensidade que os primeiros lhe emprestam, representando-nos um quadro sem um raio de lua que nele se esbata, em que predomine o escuro, o sombrio, que a alma nacional se confrange ao observá-lo: prenunciador do momento tétrico em que, arrastados por desabridos tufões, seremos arrojados de joelhos aos pés dos deuses cuja misericórdia não soubemos aliciar a tempo.

Fui pedir um lugar entre os fundadores da Liga Nacionalista de São Paulo, a cuja frente vejo um emérito cultor do Direito, o distinto Dr. Frederico V. Stedel, que nos vem dizer o que pensa sobre os nossos males e como poderemos curá-los, se o auxiliarmos na patriótica empresa.

Extirpe-se o analfabetismo, desaparecerão os cangaceiros das calungas do Norte e os monges dos pinhais do Paraná, cerremos as urnas, seja o voto secreto, para que se não possa exercer vinditas sobre os humildes e outros males, especuladores de outra espécie não menos perigosa, se sentirão tolhidos nas suas desmedidas ambições; façamos de cada cidadão válido um soldado capaz de defender sua Pátria enrijemos-lhes os músculos, ensinemos-lhes a disciplina militar, que é o grande segredo que mantém como amigos milhares de homens na caserna e produz feitos de bravura que assombram, e deixaremos de ser um país de desanimados, de descrentes, de tímidos pelo dia de amanhã, porque é dos espíritos anemizadosos sonhar coisas tétricas.

Conscientes da nossa força não sairemos, então, da órbita em que devemos conduzir os nossos destinos, sem as influências do agora que nos reduzem a situação de satélites desegunda grandeza, receosos que se nos peça do que nos era permitido prometer e realizar.

Foi mesmo por se nos haver delimitado nossa ação, até onde poderíamos levar o nosso protesto contra os atos de barbáries da guerra, desrespeito a nossa bandeira e o sacrifício de vidas patricias, que tomamos a dianteira todas as irmãs sul-americanas, colocando-nos ao lado dos que combatem sem tréguas a louca pretensão da hegemonia mundial.

Acusar-nos já de nos acharmos em atraso na política internacional, dizer que fugimos a solidariedade ativa com os beligerantes, francamente, meus senhores, não me parece justo, nem prudente. Diz-nos a história pátria que nunca nos faltou a energia precisa para defender a integridade de nosso país, para lhe fecharmos o contorno geográfico: valor, constância e resignação para as conquistas liberais que temos alcançado.

Contribuímos com o nosso sangue para libertar três irmãs sul-americanas do jugo de tiranos que as oprimiam; assim procedendo convertíamos territórios em amigos os povos cujos territórios foram campos de nossas glórias. Podíamos, pois, dormir tranquilos, embalados pelo sonho pacifista e assim se fez: mostrando-se o Brasil indiferente ao que se passava mesmo no continente sul-americano, onde duas nações mais cautelosas cuidavam a eficiência de seus elementos defensivos.

Antes de nos vir de Buenos Aires esse livro “Nuestra Guerra” que se diz escrito por um espanhol que foi nosso hóspede, em que se proclama o nosso hóspede em que se proclama a nossa fraqueza: antes de Bilac iniciar o seu bendito apostolado; mesmo entre membros das classes civis Já se afigurava temeroso nosso atraso nossa indiferença pela defesa nacional. Com efeito, há 22 anos a República Argentina prepara cautelosamente reservistas para suas forças armadas e não vos preciso dizer desde quando nos ocupamos do assunto!

Façamos de nosso Brasil uma grande Suíça, fundemos sociedades de tiro, demos aos seus associados Instrução Militar, facilite-nos o governo auxílios para isso, vantagens aos sócios das sociedades que organizadas, obedecerem aos regulamentos que forem estabelecidos, conforme disse um farmacêutico da cidade do Rio Grande do Sul, cujo nome é preciso não ser esquecido, Antonio Carlos Lopes.

Guardo meus senhores, como uma doce recordação de um dever cumprido o auxílio que prestei a esse patricio, quanto o encorajei a não abandonar a sua ideia que mercê de Deus, não foi semente atirada em terra safara.

Como a terra que repousa quando as geadas lhe cobrem a superfície, para despertar em exuberante vegetação as primeira caricias de um sol de primavera, aquela ideia pareceu por muito tempo condenada a ser mais uma tentativa em prol da pátria que se perdia, até que surgiu para acalentá-la uma nova alvorada a palavra encantadora do poeta que se fez apostolo, tendo para ajuda-lo nesse apostolado luminoso e fecundo, no dizer do eloquente presidente deste grande Estado, os grandes líderes da mentalidade brasileira.

E agora, senhores, eu vos afirmo, ela não morrerá. Eu desejara neste momento possuir o engenho poético de um Antonio Falleciano de Castilho para entoar um hino a mulher pátria; na falta de engenho próprio que me perdoe o poeta desfolhar algumas com que a engrinaldou para sempre nas páginas cheias de encanto e melancolia de sua Chave do Enigma: "Ela não seria a vice-providência que devia ser, e que é no meio da sociedade, se não possui-se esse complexo infável de suas lições para toda a espécie de índole de espíritos de gostos: um laço infalível paracada sentido; um milagre para cada incredulidade, para cada infortúnio, seu balsamo; para cada idade, seu ramallete, sua estrela para cada noite, mão inesperada e macia para cada desamparo, para cada frente que se despedaçaria ao cair, a almofada súbita de um bouço todo extremos de um seio todo suspiros. De um coração todo divindade.

Pois bem, agora a mulher pátria veio trazer o seu concurso ao fortalecimento de nossa Pátria com abnegação que lhe é característica; ela ao mesmo tempo que oferece o pavilhão nacional aos soldados de amanhã, completa a nobreza de seu resto, erguendo por toda partefiliais da Cruz Vermelha Brasileira. Só cérebros entregues exclusivamente a cogitações materiais, corações em que só se aninhe o egoísmo, não saberia traduzir a significação desse gesto que é aresultante de dois sentimentos bem opostos: ali a mulher sente-se esmagada pela razão, que a obriga a aceitar a guerra, que o seu coração repele, como uma fatalidade; aqui ela integra todasas virtudes de um ente meio terrestre, meio céu.

Na bandeira que avança em busca de uma vitória tem o ferido a impressão de que se lhe afasta a Pátria; no contemplar o símbolo da fé estampado na frente de piedosa enfermeira que de joelhos ao mesmo tempo que balbucia uma prece lhe pensa as feridas, sente-se aproximar-se de Deus, conduzido pela criatura em que no dizer do poeta mais evidentes se revelam as perfeições do Criador.

Meus camaradas Atiradores do Tiro 234, eu vos felicito pela distinção de que acabais de ser alvo, recebendo esse mimo precioso que vos é dado por mãos conterrâneas. Minhas patrícias, completais vosso nobre gesto trabalhando pela Cruz Vermelha de São Paulo.

Dizendo a esses mocos que lhes é dever sagrado defender esse simbólico de nossa Pátria, tacitamente lhes dizeis que vosso pensamento está com eles: dizei-lhes ainda que não faltará aos que tombarem na luta a almofada súbita de um braço todo extremoso, de um seio todo suspiros de um coração todo divindade.

Ao terminar, recebeu o General Barbedo prolongada salva de palmas. Em seguida, o Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo Filho, Lente da Escola Normal, agradeceu em nome do Tiro 234, a honra insigne que lhe era conferida pelo Comandante da nossa Região Militar, comparecendo a festa.

Ao som do Hino Nacional a companhia de Atiradores então apresentou armas em continência a Bandeira Nacional. Depois a companhia cantou o Hino a bandeira e, sob as ordens do Instrutor Sargento José A. Baptista, fez vários exercícios e evoluções, merecendo aplausos do povo e dos senhores General Barbedo e Tenente Espindola Jose A. Baptista.

Às 17 horas, os nossos hóspedes visitaram o quartel do 322º Batalhão da Guarda Nacional, onde os aguardavam o seu Comandante, Tenente-Coronel Alfredo Nunes, vários oficiaise a Banda Lyra. Ao Senhor General e pessoas que o acompanhavam foi oferecido uma taça de champagne discursando o Tenente-Coronel Sebastião Villaça, Comandante interino da 108º Brigada da Guarda Nacional.

Os presentes dirigiram-se em seguida ao "Stand" do Tiro 234, onde a companhia de atiradores e banda musical aguardavam o senhor General, prestando-lhe as devidas honras militares.

Às 18 horas a Banda do Tiro 234 realizou um concerto no Largo da Matriz. Às 19 horas em ponto, no Palacete Vieira de Moraes, bastante ornamentado deu-se início ao banquete oferecido ao senhor General Barbedo.

À mesa em forma de J, sentaram-se o General Luiz Barbedo, tendo à sua direita o Dr. Julio Prestes, Deputado Estadual, e à esquerda, o Coronel Pedro Voss, Presidente da Câmara; Tenente E. Espindola do Nascimento, Dr. Haddock Lobo, Lente da Escola Normal; Tenente- Coronel Sebastião Villaça, Professor Aderbal Ferreira, Capitão Antonio Pinto, Professor Antonio Antunes Alves, Secretário do Tiro 234 e representando o Jornal “Estado de S. Paulo”; Coronel Antonio Vieira de Moraes, presidente do Diretório Politico; Tenente-Coronel Alfredo Nunes, Major Jorge Ales Cabral, Bibliotecário da Escola Normal; Donato Passaro, Cônsul Italiano; Professor José Ribeiro Escobar, Lente da Escola Normal; Dr. João Lente e representando o Dr. Delegado Regional; Professor Edmundo Prestes, pelo Jornal “Correio Paulistano”; Dr. João Vieira de Carmargo, Professor José Gomide de Castro, Capitão João Wey, Professor Theophilo de Mello, Juiz de Paz Dr. Sebastião Carneiro; Major Joaquim Carlos de Azevedo, Alfredo Casemiro, Redator do Jornal “Commercio”; Maestro Mozart de Lima, Coronel Frederico de Camargo e Sousa, Professor Caetano Bifone e Professor Raymundo Cintra, Lente da Escola Normal.

Após a sobremesa, o Professor José Ribeiro Escobar pronunciou-se o seguinte discurso:

Excelentíssimo Senhor General de Brigada Luiz Barbedo – Não deslembrou, como era de mister, a magnanimidade careavel do escol da sociedade itapetiningana, a minha oratória desflorida as minhas palavras estioladas, eumulou-as com a honra insigne de, oferecendo-voseste banquete, dizer-vos o quanto, na sua exuberância afetiva, ela vos cata respeito e estima de testemunhar-vos a admiração que lhe grangearam os vossos bordados tecidos por quarenta edois anos de labor cívico.

Viestes paraninfar a entrega da Bandeira sacrossanta que o Tiro 234 jura honrar, porque esse maravilhoso pendão prazino e jalde – a Pátria a palpitar num quadrângulo de seda – no asfixioso pavor das pugnas rudes na fumarada serpentina das belonaves, seguinte a divina traça que o coração brasileiro herdara, podendo brilhar no altar como num cruzador, não cobriu a conquista e não trouxe a derrota.

Viestes ver a mais antiga Sociedade de Tiro do Estado de São Paulo que doze anos há, sob o nome de Club Concordia, Tiro 33, de novo Club Concordia, o agora Tiro 234, se vem impondo ao respeito pela persistência muscula desse extraordinário patriota – Pedro Voss – quejá doze anos a preside e que, contra os assaltos ofidianos, opõe-se a defesa arrochelada do seu carácter.

A vossa proceridade patriótica vem encarnar a alma da mocidade para o mais premente dever de nossa geração: a defesa da Pátria. Força é que abneguemos de nosso bem-estar material, saiamos do isolamento da concha era que vivemos como corações e aquiesçamos à Sully Prudhomm que em versos de ouro canta:

La Patria

Viens, ne marche pas seul dans un jaloux sentier,
Mais suis les grands chemins que l'humanité foule;
Les hommes ne sont forts, bons et justes, qu'en foule
Ils s'achèvent ensemble, aucun d'eux n'est entier.

Malgré toi tous les morts t'ont fait leur héritier;
La patrie a jeté le plus fier dans son moule,
Et son nom fait toujours monter comme une houle
De la poitrine aux yeux l'enthousiasme altier!

Viens, il passe au'forum'un immense zéphyre;
Viens, l'héroïsme épars dans l'air qu'on y respire
Secoue utilement les moroses langueurs.

Laisse à travers ton luth souffler le vent des âmes,
Et tes vers flotteront comme des oriflammes³
Et comme des tambours sonneront dans les cœurs³.

³ A Pátria. Venha, não caminhe. sozinho em um caminho ciumento, mas siga os grandes caminhos que a humanidade trilha; Os homens são fortes, bons e justos, só enterrados eles terminam juntos, nenhum deles é inteiro. Apesar de todos os mortos fizeram de você seu herdeiro; O país jogou o mais orgulhoso em seu molde, e seu nome sempre faz

E mais adiante

Non, la patrie impose et n'offre pas ses nœuds;
Elle est la terre en nous, malgré nous incarnée
Par l'immémorial et sévère hyménée
D'une race et d'un champ qui se sont taités tous deux.

De là vient qu'elle est sainte et cruellement chère,
Et que, s'il y pénètre une armée étrangère,
Cette vivante injure aux entrailles nous mord,

Comme si, dans l'horreur de quelque mauvais songe,
Chaque fois que sur elle un bataillon s'allonge,
On se sentait hanté par les vers comme un mort.⁴

Como deves radiar de jubiloso orgulho vendo-nos, por desabrochar a estrada de nosso futuro seguir a Argentina que já militarizou silenciosamente a Nação, praticar as lições de Hoitzendorff que assim resume os princípios da nova política militar: o serviço militar obrigatório que proclama a qualidade do militarismo e da liberdade cívica da força militar e da igualdade moral na prestação do serviço, o menor algarismo possível no quadro do exército efetivo em tempo de paz e a força de reserva tão grande quanto necessário: a possibilidade da rápida transição do estado de paz para o pé de guerra de modo que as tropas obtenham instrução técnica e intelectual desigual no menor espaço possível e do modo economicamente menos desvantagens.

Doe-nos despertar as ilusões róseas e ervalhadas que a poesia a religião a filosofia otimista caridosamente cultivada em nossa alma. Que fazer? Mesmo que o mundo fosse habitado por anjos não faltaria o anjo Lúcifer para rebelioná-lo. Precisamos também não desfilarmos os olhos da face má da natureza humana: o caminho da perdição e do suicídio. Saibamos que se a guerra é uma fatalidade também é a própria fórmula da existência. Legitimando-a não falta mesmo quem diga que se a natureza manda ao homem gerar as sociedades vivas, manda expandir-se que a família é a forma culta da expansão humana como a guerra a forma culta da expansão social.

No mundo biológico as colisões dos interesses vilões geram guerras em que a força e a astúcia dominam. Fugindo os pistilos flavos onde bizarreava a falena que tem nas azas os caprichosos borrões policromos de um poente às súbitas esconde o seu fulgor brilhante quando pousa no caule jaidinino: o medo a transfigurou é uma folha perfeita, com as nervuras mediana e latentes com as manchas do limbo e até com as cicatrizes que o inseto pitófago a voar nas folhas deixa.

Põe um crustáceo no corpo algas e hidrarias para atacar a presa sem ser visto: mas ao passar em outro campo onde as algas têm outra cor arranca do dorso as primeiras algas e planta as novas: do contrário morreria de fome. Camaleões inundando de cor: animais marinhos que se tornam transferentes: a serpente inofensiva que limita a cor e o andar da supre venenosa: na paisagem azul de uma noite de luar quando o píncaro pétreo argenteia no espaço escalavrado, entre os curvos no túmulos enorme e bruto do troglodita que afronta os obesos ferrões mastodontes do mamute ou do dinossauro apocalíptico: o homem moderno que assassina gentilmente com uma luva arrasa e desmantela com um adjetivo, era fulmina com um olhar – todos fazem a guerra. Por tal me, não insurgiu contra os que admitem a lei biológica do "struggle for life" nos domínios da sociologia.

Os extremistas absolvem a própria agressão, mostrando que o conflito entre as sociedades próximas é indispensável ao seu desenvolvimento, pois sem penetração recíproca não há vida e som a seleção resultante da luta não há progresso; que a guerra é para os indivíduos: uma, o seio, onde se aprende a ser livre; a outra, a arena, onde se aprende a ser forte: que o ideal da

subir como uma onda Do peito aos olhos o entusiasmo mais altier! Venha, ele passa para o fórum um zephyr enorme; Venha, o heroísmo espalhado no ar que se respira lá útilmente agita os lânguidos. Deixe através de seu alaúde soprar o vento das almas, e seus versos flutuarão como oriflamms e como tambores vão tocar em corações.

⁴ Não, a pátria impõe e não oferece seus nós; É a terra em nós, apesar de nós mesmos encarnados pela imemorial e severa himenea de uma raça e um campo que ambos foram feitos. De lá vem que ela é santa e cruelmente querida, e que, se ele entrar em um exército estrangeiro, este insulto vivo às entranhas nos morde, como se, no horror de algum sonho maligno, toda vez que um batalhão se deita, alguém se sentiu assombrado pelos versos como um homem morto.

gente é a certidão de morto dos povos: que a guerra é a escola da dignidade e que mal dos povos sem vitórias nas suas tradições, sem ambição de combates no pulsar das velas.

Dai se não infira que sou encomiasta da guerra agressiva. Creio que o progresso está na razão inversa da ação coercitiva do homem sobre o homem sobre a natureza: creio com Victor Hugo que se o passado se chama ódio tendo por brinquedo esse guizo – o tambor, tendo a bocalha saliva dos carias, enquanto Deus perde o tempo a fazer as estrelas e as flores o futuro há de se chamar amor.

Mas ai! Desgraçadamente a República de Platão é para muitos milênios porvindouros. Por isso detesto o pacifismo desfibrado, a covardia utopista dos que querem deixar a Pátria inerte contra a legião assaltante que amanhã venha de onde vier, constringirá o nosso colosso, numa irrupção fragorosa pelas fronteiras.

Para evitar a guerra erigiu-se a supremacia papal com o mais belo símbolo da terra – a cruz; tentou-se a monarquia universal; falou-se na liga dos neutros; recorreu-se a coligação operaria com a “sabotage” da guerra; propôs-se a instrução ocultando-lhe os fatos guerreiros; apela-se para os tribunais arbitrais. Mas todos esses sonhos acalentadores naufragam desastrosamente, porque o instinto guerreiro é uma fatalidade orgânica porque a melhora do mundo também depende do instinto de que o homem é dotado, porque a força é o paládio imprescindível do direito.

Não vou até ao exagero nietzscheano de que a guerra e a coragem têm feito mais coisas grandiosas do que o amor do próximo e de que não foi a piedade, mas a bravura que até hoje salvou os naufragos. Não! Bendigo o lema divino de nosso pavilhão constelado – Ordem e Progresso.

Mas não posso ver definhando na inercia a nossa raça que o sol persegue que a coura do meio ambiente suborna convidando a preguiça que esta efluviosa primavera eterna sensualizaque o lirismo sentimental efeminado: não posso ver o nosso caboclo, cujo arcabouço ancestral a alimentação diminui cuja força neutraliza, o caboclo talvez até inferior ao índio porque não tem o estímulo da guerra.

A espada é o eterno símbolo da vida porque é a energia. A mesma teoria cinética do universo que representava o átomo sob a forma de um pequeníssimo fragmento da extensão caiu, pois o mecanismo era apenas a ante câmara da verdade.

O dinamismo triunfou; a noção de matéria desapareceu na de energia; o dualismo força e matéria se resolveu num monismo – a força: não existe a matéria: o mundo físico é energia e só a energia igualmente podemos perguntar: que vale o homem sob o ponto de vista biológico, sociológico ou moral, senão pela energia?

A nossa mocidade – essa bela adormecida no bosque – desencantada por um príncipe, o príncipe da poesia brasileira, Bilac, educa a energia para com uma couraça de energia para com uma couraça de musculo, defender os nossos mais de oito milhões de quilômetros de terra abençoada. Proclamemos ufanamente nosso brasileiro como nestes versos que a mocidade consagrei:

Sou de um lindo país, de um vergel que se chama
para uns só Brasil: mais para mim: Amor.
Onde a tumba é saudade e um avoengo que se ama:
onde o berço é de um filho – é Esperança o esplendor.
Sob a terra, o Passado honesto e de valor
– Mortos heróis – palpita e à mocidade inflama.
Terra do sol, do Azul da floresta e da flor.

Primavera gorjeando a energizar a rama.
Terra em que o homem é livre e as almas são irmãs,
onde o Trabalho é o nobre e veste roupas de ouro.
Onde a mãe, a mulher são carícias cristãs.
Pátria primaveril, oh terra de meus pais!
Aumentaremos o teu fulgido tesouro,
Imitaremos os teus filhos Imortais.

Exceletíssimo Senhor General Luiz Barbedo: A voz de cujo comando clarividente esperamos a ressurreição nacionalista dos herdeiros dos bandeirantes; cujo patriotismo de ação inamalgável, que cada vez mais se acendra há de fazer reverdecer as nossas forças armadas com os rebentos promissores que são a juventude paulista; a vós em nome do que há de mais sagrado e predileto na sociedade Itapetiningana, tenho a honra suprema de prazerosamente oferecer este banquete e minha taça levantando saudar em vos um digno expoente cultural e cívico do Exército Brasileiro muito amado.

O General Luiz Barbedo respondeu agradecendo.

Usou ainda da palavra o senhor Dr. Júlio Prestes, deputado estadual que brindou a mulher itapetiningana. Os 21 rapazes do Tiro 234 fizeram imponente “marche aux flambeaux”.

Em frente ao palacete Vieira da Moraes falou em nome dos manifestantes o professorando José F. Oliveira Lima que saudou o General Barbedo. Este respondeu agradecendo a manifestação da mocidade itapetiningana e incitando-a a continuar na campanha encetada com ardor, visando a grandeza da pátria.

Às 21 horas e meia, realizou-se no Club Venâncio Ayres o concerto que a sua diretoria oferecia ao General Barbedo. O salão do club, garridamente ornado, estava repleto de senhoras, senhoritas e cavalheiros do nosso escol social achando-se também presentes o General Barbedo, membros do conselho diretor do Tiro 234, autoridades, etc.

A orquestra, dirigida pelo maestro Mozart Lima executou à risca o programa. As moças da Escola Normal e os rapazes do Tiro 234 cantaram em coro o Hino Nacional.

No intervalo do concerto a diretoria do Club Venâncio Ayres ofereceu uma taça de champagne ao General Barbedo que foi saudado pelo prof. Martinho Nogueira, lente da Normal, vereador e secretario do clube.

Falou ainda o deputado Dr. Júlio Prestes saudando o tenente Espindola que agradeceu a saudação.

No fim do concerto, o tenente-coronel Alfredo Nunes, em nome dos atiradores do Tiro 234, pediu ao senhor general que, como um prêmio ao esforço do sargento instrutor José Antonio Batista, o promovesse.

Este pedido foi acolhido com simpatia por todos, prometendo o General Barbedo providenciar a respeito. Em seguida os rapazes do tiro entoaram várias canções patrióticas, ecoando de espaço a espaço pelo salão, entusiásticos vivas ao General Barbedo, Tenente Espindola e professor Pedro Voss.

Às 23 horas e 50 minutos, o Comandante da 6ª Região Militar tomava o noturno da Sorocabana, de regresso a essa capital, sendo acompanhado até a gare pelo conselho diretor do Tiro 234, senhoras da comissão de festejos, companhia de atiradores, banda de música e grande massa popular. Ao partir o trem a multidão rompeu em frenéticos vivas e urrahs!

Anexo 5

Decreto Federal n.º 12.708 de 9 Nov 1917 – Criação da Diretoria Geral do Tiro de Guerra.
Acesso em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12708-9-novembro-1917-525564-publicacaooriginal-1-pe.html>

Anexo 6

Decreto-Lei nº 9.500, de 23 de Julho de 1946 – Lei do Serviço Militar.
Acesso em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9500-23-julho-1946-417587-norma-pe.html>

Anexo 7

Quantitativos de Reservistas de 2ª Categoria do Tiro de Guerra de Itapetininga/SP.
Acesso em: <https://tinyurl.com/y857jzwp>

Anexo 8

Placas de Turma de Formação do Tiro de Guerra 02-076 de Itapetininga/SP (desde 2012).
Acesso em: <https://aeatgi.itapetininga.com.br/turmas.htm>

Anexo 9

Galeria de Praças Mais Distintas do Tiro de Guerra 02-076 de Itapetininga/SP (desde 1989).
Acesso em: <https://aeatgi.itapetininga.com.br/pmd.htm>

Anexo 10

Revista TG do Tiro de Guerra 02-076 de Itapetininga/SP.
Acesso às edições digitais (PDF) nos respectivos QR Codes a seguir.

